

000512

Depoimento

Milton Freire Pereira, brasileiro, casado, residente à Rua Joaquim Palhares, nº 508 – Apartamento nº 1.104 – Praça da Bandeira – Rio de Janeiro – RJ – Brasil, CI – 02335480-6 – IFP – RJ, CPF – 387322897-15.

Sou ex-paciente, passei dez anos em internações intermitentes em vários hospitais psiquiátricos. Tomei muitos eletrochoques e comas insulínicos. Tenho fortes lembranças de pátios e quartos fortes. Mas acredito que meu melhor tratamento foram as situações de reabilitação vividas em liberdade, fora do hospital, quando tive saídas para a referencia de novas formas de tratamento. A vida, a convivência, a arte e o afeto, são os melhores remédios.

Sou militante do Movimento Antimanicomial. Participei, como representante dos usuários de debate no Senado Federal, na discussão do Projeto de Lei que originou a Lei Federal nº 10216, que trata da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

Atuo também como Diretor do Instituto Franco Basaglia do Rio de Janeiro – IFB - RJ

Viajo pelo Brasil, incentivando e colaborando com a criação de associações de Usuários e ainda colaborando com as discussões e implantação de novos serviços de saúde mental.

Como publicista da causa dos usuários, participei de inúmeros seminários, encontros, entrevistas e debates nos meios de comunicação, sobre a condição do usuário.

Participo de diversos eventos como palestrante e debatedor de temas relacionados à experiência do usuário, sua condição e seus direitos.

Participei do Encontro Mundial de Reabilitação Psicossocial em Roterdam – Holanda – 1996.

Encontrei sob minha mesa de trabalho, uma carta de Irene Ximenes Lopes de Miranda, denunciando maus tratos e a morte de seu irmão Damião Ximenes, ocorrida em 1999. A carta causou-me um grande impacto, porque senti como se fosse comigo mesmo, que eu tivesse passando por aquelas circunstâncias trágicas. Senti-me com a responsabilidade de lutar com veemência contra a solidão e desespero que conheci de perto, nas várias passagens que tive por hospitais psiquiátricos. Senti que a familiar autora da carta clamando por justiça, revelava com muita coragem e determinação a situação de violência, abandono e maus tratos a que estavam submetidos os usuários nos hospitais psiquiátricos dos estados brasileiros. É difícil para a média das pessoas compreenderem a grande tristeza que nos causa um fato tão degradante, humilhante, como foi a morte de Damião. Em torno da

000513

morte de Damião é preciso assinalar o deboche, a zombaria, o total sadismo, a perversão de uma cultura da mortificação. Conhecendo bem o hospital psiquiátrico, mesmo assim, é difícil entender o porquê de tanta maldade, como por exemplo, os funcionários divertirem-se botando os clientes para brigarem entre si, até perderem as forças. Esse circo feito para divertir os carcereiros, como se os clientes fossem galos de briga, conforme relatos contidos no livro: A Instituição Sinistra – Mortes Violentas em Hospitais Psiquiátricos – CFP- 2001, esse mesmo circo é o circo de seres humanos que o hospital engana tradicionalmente, com uma falsa terapia. Na realidade eu como cliente que fui desses lugares senti que se pode afirmar tranquilamente que há uma crença na incurabilidade do transtorno mental. Na verdade ela se dá em virtude da prática da segregação, da clausura, da violência, da ausência de vínculos sociais, da apatia provocada pelos medicamentos, da regressão psicológica e fisiológica produzida num ambiente de mortificação, que nega para sempre a dimensão psicológica e social do cliente.

No caso de Damião Ximenes, várias providências foram tomadas. Porém as mortes violentas e o tratamento inadequado, sem chances de espaços para reabilitação e a impunidade continuam ocorrendo nos hospitais psiquiátricos brasileiros e as pessoas que denunciam tais atrocidades, normalmente são perseguidas e punidas. O principal interesse em questão é a escravidão a que é submetido o cliente de hospital psiquiátrico, pelos “empresários da loucura”. Esses clientes são tratados como simples objetos de lucro para os donos de hospitais psiquiátricos. Há necessidade de se tratar o cliente de saúde mental de forma adequada, como acontece em todas as patologias. Sentimos falta desses lugares adequados, abertos, comunitários, diferentes de hospitais psiquiátricos que tem características de prisão e nega os direitos fundamentais. Reconheço que houve uma grande mudança na assistência em saúde mental no Brasil, com a implantação de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico. Nesse novo modelo de atenção, há a participação multidisciplinar, com novos profissionais, tais como: psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, musicoterapeutas, arteterapeutas. Essa nova assistência tem proporcionado uma cultura de respeito, sensibilidade e inserção social. Mesmo diante dessas mudanças, ainda restam mais de 42.000 (quarenta e dois) mil leitos psiquiátricos a serem substituídos por serviços abertos e comunitários. Destaca-se ainda as resistências dos poderes locais, dos municípios e estados da federação que dificultam a intervenção do Ministério da Saúde, para o descredenciamento dos hospitais psiquiátricos avaliados como sem condições de funcionamento, ou onde ocorrem mortes e maus tratos. Dessa forma, continuam as violações aos direitos humanos dos clientes em hospitais psiquiátricos. Citarei alguns exemplos: A mesma violência que matou Damião Ximenes, repete-se com, a cobertura dos



000514

poderes locais, nos hospitais dos municípios de: Caicó – RN, onde em 2002, morreu carbonizado, Sandro Fragozo e os denunciantes estão sendo perseguidos; Goiânia –GO e Aparecida de Goiânia - GO, no ano passado ocorreram treze mortes, cujas investigações do Ministério Público, estão em andamento. Este ano, familiares denunciaram uma morte por suicídio de uma cliente, em um pronto socorro psiquiátrico. Ocorreram também mortes em hospitais psiquiátricos dos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia, Amazonas e outros estados brasileiros. A hegemonia do modelo hospitalocêntrico manicomial permanece sem dar espaços para uma cultura que respeite as diferenças. Esse modelo continua matando, mortificando, escravizando e tirando para sempre, das pessoas que precisam de atendimento em saúde mental, todas suas possibilidades de participação no próprio tratamento, sem dar chances para a reabilitação. É preciso que se compreenda, que a oportunidade que o cliente tem para estabilizar ou se reabilitar encontra-se fora dos hospitais psiquiátricos. Estive em Sobral algumas vezes para acompanhar o caso e recolher documentos para publicar em livro sobre Mortes Violentas em Hospitais Psiquiátricos.

O homicídio de Damião Ximenes revelou mais uma vez, a miséria dos hospitais psiquiátricos no Brasil e a total indiferença com relação aos usuários desses serviços.

Gostaria que essa Corte pudesse ajudar a fazer justiça, respondendo em fim, ao clamor da carta de Irene, que é o clamor de todas aquelas pessoas que buscam atendimento em saúde mental.

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2005.



Milton Freire Pereira
Milton Freire Pereira

Tabellionato Público - 2º Tabellionato de Notas de Goiânia - GO
Rua João de Abreu, 157 - Setor Oeste - Goiânia - GO - CEP: 74120-110 - Fone: (62) 3210.0001 - Fax: (62) 3210.2221
Cláudio Souza Fragoso Pereira
Francisco Tenório Neto
Tabellão Rubetino

Reconheço a assinatura indicada de RILTON FREIRE PEREIRA
feita em minha presença, em 26 de outubro de
2005 - 09:26:30h.
Em Teste de Verdade

Simony Coelho Medeiros Gouveia Escrevente 731737

2º Tabellionato de Notas
Simony Coelho Medeiros Gouveia
Escrevente
Rua João de Abreu Nº. 157 - Setor Oeste
GOIÂNIA - GOIÁS